Estudo de Tendências – uma disciplina além da moda

Study of Trends – a discipline beyond fashion -

Monçores, Aline Moreira; Mestre; Pontifícia Universidade Católica – Rio de Janeiro
amoncores@gmail.com

Resumo

Este artigo é parte da tese de doutorado em andamento na PUC-Rio, reflete sobre como "Tendências" o tema é ministrado nas instituições de ensino e propõe uma nova abordagem localizando o estudo de Tendências como um observador das práticas sociais e suas mudanças e analisa como estas podem apontar novas demandas para o design, entre elas o Design de Moda.

Palavras Chave: tendência; consumo; método e design.

Abstract

This article is part of the doctoral thesis in progress at PUC-Rio, reflects on how "Trends" the subject is taught in educational institutions and proposes a new approach to tracking trends, being the study as an observer of social practices and their changes that may to point new demands for design, including the Fashion Design.

Keywords: *trends; consumption; methodology and design.*

Pesquisa de Moda ou Estudo de Tendências

Em 1997, a terceira turma do primeiro curso de bacharelado em moda do Rio de Janeiro participava de aulas que tinham como objetivo ensinar ao aluno técnicas de leitura e interpretação de "tendências" fazendo uso de revistas, catálogos, vídeos e demais elementos que pudessem ajudar o aluno a compreender o que são as ditas "tendências". Durante muito tempo, na história recente da graduação em Moda no país, esse procedimento, descrito acima, foi predominante ao se falar e ensinar o conceito de tendências em cursos de Moda. Todavia, será que pesquisar moda também não é compreender seus modos de estruturação? E o termo "tendência", será ele limitado ao campo da Moda? Portanto, quando se inicia um processo de reflexão sobre o escopo da disciplina, Pesquisa de Moda, e os termos aos quais ela utiliza, uma pergunta torna-se inevitável: o que pertence à Pesquisa de Moda afinal e o que são as Tendências?

É claro que o título desta disciplina pode provocar uma limitação a priori, isso se o termo "moda" determinar apenas as manifestações matérias produzidas por esse campo, sazonalmente. Mas, por outro lado, Moda é mais do que os aspectos formais de um objeto. Pensando assim, restringir a disciplina a observar e analisar o que é materializado pelo campo da moda, como meio industrial ou midiático, é pouco. Afinal, acredita-se que a Moda pode ser comparada a um "fato social total" (MAUSS, 1974). Ela, a Moda, pode ser vista com um fato completo "em cujo estudo se recorre ao mesmo tempo à história, à economia, à etnologia, podendo até ser [...] uma lingüística" (Barthes, 1965) tamanha sua complexidade de apreensão de significados. E ainda complementando, segundo Maffesoli (1996), é por meio da moda que são construídas as imagens que refletem a vida e o cotidiano, reproduzindo-se velozmente por meio de interconexões com variados campos, constituindo, assim, uma "forma". E, segundo o autor, o estudo destas "formas" possibilitaria a compreensão de uma sociedade midiatizada.

Estudar as "formas", as interconexões, os modos como se constitui a Moda é uma pesquisa, sem dúvida e que vai além de uma aparência apresentada comercialmente, de tempos em tempos. Não que a análise deste material comercial disponibilizado a todos, geralmente fazendo uso da mídia, seja menor em relevância para o entendimento da Moda, especialmente em um período determinado. Ao contrário, o que se levanta aqui é que a análise deste material talvez componha uma disciplina específica, chamada ou não de Pesquisa de Moda, e que esta não suporta em seu escopo o tema Tendência. Pois, para se entender a dinâmica de uma Tendência é preciso ir além da análise de uma forma ou de uma aparência, é preciso que haja proximidade com os estudos sociais e suas técnicas de pesquisa que avançam além da observação de mídias e sistemas industriais, mas chega aos sujeitos, as ideologias, as sociedades, a uma História.

Logo, teríamos, no mínimo, duas disciplinas: uma investigando a produção e comercialização de elementos de Moda, sazonalmente ou por períodos, e outra investigando a sociedade e seus movimentos de moda, as mudanças do gosto e suas relações com as ideologias, o estudo de Tendências.

Um novo entendimento sobre Tendências

Retomando a origem da palavra, do latim *Tendentia*: "tender para" ou "ser atraído por", a palavra é particípio presente do verbo *tendere*. E foi somente a partir do século XIX que a palavra "tendência" ganhou novos sentidos, como o de "propensão a" ou "aquilo que leva a agir de uma determinada maneira". Já o conceito de "inclinação em direção ao futuro"

ou de "pré-definição de algo" está presente na forma como a palavra é empregada atualmente (CALDAS, 2004).

Logo, ao desassociarmos o termo "tendência" dos modismos que definem a aparência dos objetos nas sociedades ocidentais, veremos que ele pode ser usado por quase todas as áreas do conhecimento humano, já que o termo se tornará apenas a nominação para a possibilidade de um futuro que "tende a ser", mas ainda não o é. Uma "tendência", portanto, torna-se um rascunho, um cenário daquilo que poderá acontecer amanhã, daqui a um ano ou daqui a vinte anos. Portanto, o Estudo de Tendências aqui é somente a atividade de observar e analisar sinais que identificam uma mudança futura, porém o tempo é um fator preponderante nas análises e no estudo de uma tendência, e determinará as técnicas de pesquisa utilizadas, o tipo de tendência identificada e os impactos que irá gerar.

Assim como na abordagem de Braudel para a História, onde o autor afirma que ela só pode ser entendida como uma síntese de diversas realidades e fenômenos com temporalidades distintas, ritmos e dimensões variáveis, a Tendência quando analisada como um fenômeno do social segue o mesmo princípio, e cada ritmo e dimensão ou tempo determinará seus impactos no que estar por vir. Em geral são utilizados três termos para definir as diferentes Tendências: Macro tendências, Tendências e Fads, cada um com uma definição distinta, que será elucidada adiante. Por se movimentarem de modo constante, apesar de diferirem em ritmo, as Tendências (incluindo as três manifestações) acabam sempre sendo mencionadas por diversos autores como um "movimento cíclico" (VINCENT-RICARD, 1996), com "vida própria" (MATATHIA; SALZMAN, 2004), e atrelado somente a Moda e aos modismos. Entretanto, analisando mais a fundo é possível ver que as Tendências são mais do que um movimento que se repete, ou que gira em torno de si. Elas são expressão de processos sociais que se utilizam de retóricas passadas, ou não, para constituir novas linguagens, ou melhor, novas abordagens sobre temas recorrentes, presentes na sociedade desde sempre. Essas novas abordagens são esse novo "jeito" de compor um pensar é as difere como movimento e como "novidade" nas sociedades ocidentais.

Deste modo, as Macro tendências são aqui entendidas como todo movimento que gera mudanças que para serem absorvidas e comporem o corpo social necessitam de tempo, décadas até. As Macro tendências são difusas, pois suas manifestações materiais, apesar de variadas e ricas em termos estético-formais, ainda são frutos de uma produção incipiente e amadora (MONÇORES, 2006), graças ao fato de envolverem apenas pequenos grupos de indivíduos que buscam a ruptura com alguma estrutura social vigente, e para tal utilizam-se de grande carga ideológica. É essa carga ideológica, que fala sobre valores, ética e a forma com a qual esse grupo se relaciona ou entende o mundo que o cerca, que será responsável por suas escolhas que definirá suas práticas sociais e definirá os objetos que os cerca (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2006). Em alguns casos, o grupo pode, inclusive, fazer uso de práticas radicais[1] como uma forma de comunicar sua ideologia. Isto pode dificultar o entendimento e a disseminação na sociedade da Macro tendência em questão. O que explica o fato de muitos movimentos não se consolidarem nas sociedades, e dos que chegam a ser consolidados é comum que ocorra uma reconfiguração das características originais, transformando-os em algo mais palatável à sociedade (BOLLON, 1993), a qual é chamada de Tendência.

Já a Tendência é uma manifestação fruto de uma Macro tendência (ou manifestação social ideológica) que conta com mais indivíduos envolvidos, e que não necessita de tanto tempo para ser observada na sociedade. Estes indivíduos são chamados, por diversos autores,

[1] Como exemplo, há o autoflagelo e a suspensão por grupos adeptos de ritos tribalistas radicais, a não depilação ou corte de cabelo feito pelos Hippies, ou a fala em "garatismo" feito pelos muscadins em 1793 na França (Bollon, 1993).

de *early adopters* ou *trendsetters*[2]. Justamente por contar com um corpo mais expressivo, a Tendência irá apresentar uma produção intelectual, artística e estético-formal melhor definida e organizada (incluindo uma variada espécie de bens e serviços).

Por fim, temos o chamado Fad (CALDAS, 2004; VEJLGAARD, 2008), ou uma febre de consumo, que por serem tão intensas acabam sendo efêmeras e é a manifestação que não pode ser classificada como uma Tendência. O Fad é apenas uma visão parcial de um todo, um modismo passageiro proveniente de um aspecto da Tendência ou da Macro tendência e que depende basicamente do mercado de mídia de massa para se propagar. E é durante o processo propagação (disseminação em massa) que o Fad perde o vínculo ideológico e descaracteriza o que foi formado inicialmente.

Apesar dos três movimentos definirem as chamadas Tendências, observamos que cada um possui um papel distinto, mesmo quando derivam da mesma fonte ideológica. Contudo, esse movimento não é cíclico, de retomada ou resgate. Cada novo movimento que surge é uma leitura única sobre algo e pode ser comparado a um processo dialético. Eis a questão fundamental que pode trazer novos horizontes ao ensino de Tendências: a dialética.

Em "Observatório de Sinais" (CALDAS, 2004), em "*The Real Fashion Trends"* (MORACE, 2007), em "A Moral da Máscara" (BOLLON, 1993) ou mesmo em "*Anatomy of a Trend"* (VEJLGAARD, 2008), há uma ponto comum: ambos os autores concordam que todo movimento de Tendência gera um movimento contrário, a chamada anti-tendência, como forma de buscar o novo e a diferenciação. Esse processo de formação de antíteses é muito semelhante ao processo dialético, o que torna pertinente a comparação.

Tendências e o processo Dialético

Partindo do princípio que as Tendências nascem da expressão formal das Macro tendências e que, essas por sua vez, são resultado de manifestações sociais, podemos começar a tentar compreender a dinâmica das tendências comparando- as aos processos que regem mudanças no corpo social.

Assim podemos iniciar uma análise sobre o processo de formação de tendências no corpo social a partir da comparação com o processo dialético Hegeliano. O que não significa que o artigo compartilhe integralmente das idéias de Hegel, ou que desconsidere contribuições posteriores (BRAUDEL, 1972; HARVEY, 2003). Ao contrário, o que interessa aqui é a abordagem e contribuições referentes ao processo dialético hegeliano à noção de sucessão de poderes e forças na estrutura social.

Para Hegel o processo dialético formado por tese, antítese e síntese não expressava, necessariamente o embate entre opostos, mas sim que o todo é formado por múltiplas partes em movimento constante. Sendo assim, o ponto principal e o de maior interesse neste artigo é o processo. Para Hegel, cada componente do processo dialético era fundamental e a existência de um elemento dependia diretamente do outro, ou seja, a antítese só existe na presença da tese, e assim por diante.

Detalhando um pouco mais, a tese, para Hegel, não era apenas o poder dominante era também o berço da antítese. Assim a ou as antíteses nascem da própria tese, e estas não são

[2] Early Adopters é o termo utilizado pelo marketing para definir indivíduos que adotam mais rapidamente novas propostas, Trendsetters são os indivíduos que acabam sendo referência para os demais consumidores (VEJLGAARD, 2008). Neste artigo, eles são o segundo grupo de indivíduos que assumem uma Macro tendência, de modo definitivo ou temporário, e funcionam como agentes intermediários no processo de difusão dos conceitos que definirão a Tendência.

necessariamente antagônicas à tese, entretanto diferem da tese. Ou seja, uma antítese para ser considerada como tal, não precisa ser o extremo oposto de uma tese vigente, e sim, basta que seja diferente. E mesmo sendo diferente, em maior ou menor grau, a antítese continuará carregando em si características da tese, pois sua existência é derivada da existência anterior, a tese.

Ao confrontarem-se, tese e antítese, medem forças que podem se sobrepor ou não, de diversas formas, não havendo a obrigação de se chegar a um equilíbrio entre elas. Pois o que interessa é o próprio embate. Logo, a síntese que deriva deste confronto não é formada por porções igualitárias de tese e antítese. A síntese é apenas o resultado do embate ocorrido entre as forças, ela é uma composição que detém ambas as forças anteriores (tese e antítese) já a porção de cada força atuando sobre a síntese irá variar de acordo com o embate, as características da tese e da antítese.

Segundo Hegel, ao término do embate temos a síntese constituída, esta passa a ser a nova tese, ocupando o lugar da tese anterior e assim tornando-se o novo poder vigente, a nova totalidade e que gerará em seu núcleo a antítese ou as novas antíteses. Esse processo não pode ser resumido como um movimento cíclico, longe disso, ele representava para Hegel um movimento evolutivo e onde as partes são interdependentes. A razão da dependência mútua é devida ao fato de que neste processo dialético só teremos uma nova síntese se a tese gerar uma antítese, o que acarretará em um novo embate e conseqüentemente, uma nova síntese. Entretanto, todos os componentes serão sempre diferentes dos anteriores, pois, como Hegel afirma, eles são a expressão da mudança e é a mudança que torna algo vivo, onde a unidade se faz precisamente através do múltiplo. Eles não são a repetição do anterior, pois o igual seria o imutável, o permanente, e a cada conflito o que temos é um novo múltiplo, mesmo que seja composto das porções anteriores.

Logo, ao compararmos todo esse movimento social, entre as forças e poderes, percebemos que é muito semelhante aos movimentos ideológicos que geram práticas sociais ligadas ao uso e aos modos. Se partirmos do século XVI até os dias atuais uma série de acontecimentos podem ser atrelados a este movimento. Fazendo uma analogia simples, até mesmo ingênua, podemos dizer que o Punk só se estabelece com tanta força devido a dois fatores: a necessidade extrema de diferenciação como que estava estabelecido como poder dominante, força ideológica presente (que faz com que seja necessário o uso de uma linguagem radical, forte, expressiva para que possa chamar de algum modo a atenção dos "passantes"). O segundo motivo, nesta análise simplória, é o contexto social no qual estava inserido que reforça a idéia da sociedade como força motriz das mudanças no Design, e conseqüentemente na moda, mas não só nela.

Além disso, essa visão associada, onde Tendência é a expressão das ideologias, das manifestações sociais que estão por vir, que poderão ser estabelecidas como forma dominante, ou não, em diferentes prazos de tempo e dinâmicas, também se relaciona com o pensamento de Braudel. Braudel, responsável pela História Nova, é do "Homem e da geologia" e só pode ser lida analisando-se o todo.

Conclusão

É, então, por todas essas razões que o artigo propõe que se separe o estudo de Tendências da Pesquisa de Moda, ou melhor, da pesquisa das manifestações sazonais da indústria, da mídia e do comércio de Moda. Só assim, talvez seja possível analisarmos de modo mais aprofundado os acontecimentos que geraram tantas transformações nos gostos e nas indumentárias e são ainda usados como referencial criativo. Mais do que uma História da

Indumentária, que possui um papel muito específico, a proposta é uma leitura mais aprofundada e correlacionada aos contextos sociais dos movimentos ideológicos que geram Modas, no seu sentido mais amplo. Entender como valores podem associar sujeitos e demandar novas práticas, permitindo a adequação ou o surgimento de novos objetos e porque são retomados como simbolismos em outros movimentos. Esse espaço de reflexão e análise talvez demande o seu tempo e o seu espaço na estrutura dos cursos de Moda, talvez seja o link possível entre História da Moda e Pesquisa de Moda, um terreno que contribua e traga mais frutos e desdobramentos ao pensar e ensinar Moda.

Referências

CALDAS, Dario. **Observatório de Sinais –** teoria e prática da pesquisa de tendências. Rio de Janeiro: Editora SENAC-Rio, 2004.

BOLLON, Patrice. **A moral da Máscara**: **Merveilleux, Zazous, Dândis, Punks**, etc. Tradução de Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1993.

BRAUDEL, Fernand. **História e ciências sociais**. Lisboa: Presença, 1972.

BRESSANT, J., BRUCE, M., **Design in Business - Strategic Innovation Through Design**. London: Trans-Atlantic, 2002.

BRUNO, F. S. E FILIPECKI, A. T. P. **Identificação de barreiras organizacionais ao desenvolvimento de competências intra-empreendedoras**, In: Rio de Janeiro: Revista Inteligência Empresarial, VoI. 2, p. 24 a 37 2005.

COOPER, R., PRESS, M., **The Design Agenda – A guide to successful Design Management**. Chichester: Jhon Wiley & Sons, 1995.

DOLABELA, Fernando. **O Segredo de Luísa**, Cultura Editores, São Paulo, 1999.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Ed. Loyola, 2003.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2002.

MONÇORES, Aline M. **Fads – As Novelas e as Febres de Moda.** In, Recife: Anais: 5º Colóquio de Moda, 2009.

MORACE, F. **The Real Fashion Trends**. Milão: Scheiwiller, 2007.

MOZOTA, B.B., **Design Management**, New York: Allowrth Press, 2003.

VEJLAGAARD, Henrik. **Anatomy of a Trend**. New York: McGraw-Hill, 2008.

VINCENT-RICARD, F., **As Espirais da moda**, São Paulo: Paz e Terra, 1989.